

CIÊNCIA, RELIGIÃO E FILOSOFIA: A PARATOPIA DO DISCURSO ESPÍRITA KARDECISTA

(Science, Religion and Philosophy: the paratopia of kardecist spiritist discourse)

Anna Flora Brunelli¹

Universidade do Estado de São Paulo

Tamiris Vianna da Silva²

Universidade do Estado de São Paulo

RESUMO

Neste trabalho, adotando a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas reflexões de Maingueneau sobre a noção de discurso constituinte, tratamos de algumas particularidades da constituição do discurso espírita kardecista. Mais exatamente, tratamos de demonstrar que, constituindo-se a partir de outros discursos constituintes (o discurso religioso, do científico e do filosófico), o discurso espírita kardecista assume uma posição paratópica para se legitimar, simulando superar os limites desses discursos a partir dos quais se constitui, o que o legitima de um modo especial e lhe reveste de autoridade. Além disso, analisamos a figura do “médium espírita”, considerando-a como um caso de paratopia de identidade, o que também reforça a condição paratópica do discurso espírita kardecista na qualidade de discurso constituinte.

Palavras-chave: Discurso espírita kardecista. Discurso constituinte. Paratopia. Médium.

ABSTRACT

In this paper, adopting the French Discourse Analysis perspective, with emphasis on Maingueneau's reflections on the notion of constituent discourse, we deal with some particularities of the constitution of kardecist spiritist discourse. More precisely, we try to demonstrate that, constituting itself from other constituent discourses (the religious, scientific and philosophical discourse), the kardecist spiritist discourse takes a paratopic position to legitimize itself, simulating to overcome the limits of these others discourses, what legitimizes it in a special way and gives it special authority. In addition, we analyze the figure of the "spiritist medium", considering it as a case of paratopia of identity, which also reinforces the paratopic condition of kardecist spiritist discourse as a constituent discourse.

Keywords: Kardecist spiritist speech. Constitutional discourse. Paratopia. Spiritist medium.

Recebido em: dezembro 2018

Aceito em: fevereiro 2019

[DOI: 10.26512/les.v20i1.19934](https://doi.org/10.26512/les.v20i1.19934)

¹ Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) – UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto; integrante do Grupo de Pesquisa CNPq “FEsTA” (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise); anna.brunelli@unesp.br

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto; tamivianna@gmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, o espiritismo é uma religião com milhões de adeptos no Brasil. De acordo com o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, já havia, nesse período, 3,8 milhões de espíritas declarados no país. Esse número indica que o Espiritismo teve um crescimento de aproximadamente 65% entre os brasileiros, desde o Censo realizado em 2000³, passando de 1,3% da população para 2%. Ainda a respeito dos números relativos ao Espiritismo, a Revista *Veja* (edição de 23 de junho de 2010), por sua vez, observa que, além dos que se declaram espíritas, nessa mesma época, já havia por volta de 18 milhões de simpatizantes do Espiritismo, isto é, pessoas que, embora se declarem como seguidoras de outras religiões, acreditam em alguns dos dogmas espíritas ou participam de suas práticas, o que pode explicar o interesse crescente da sociedade brasileira pelo discurso espírita kardecista.

Considerando, então, que o Espiritismo é uma religião importante no país, neste trabalho, pretendemos contribuir com os estudos discursivos sobre o discurso espírita kardecista. Como bem observado por Maingueneau (2007), o fato religioso é particularmente presente no mundo contemporâneo. Apesar disso, o discurso religioso é um tipo de discurso menos explorado pelos estudos do discurso.

Assim, procurando contribuir de uma certa forma com as reflexões sobre os discursos religiosos e, mais especificamente, com os estudos sobre o discurso espírita kardecista, neste trabalho analisamos aspectos relativos à sua constituição. Para tanto, adotamos a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas reflexões de Maingueneau (2006a, 2006b, 2010, 2015) sobre a noção de discurso constituinte, procurando explorar a hipótese de Silva (2014) de que o discurso em questão, ao se apresentar, conforme veremos, como um discurso que estaria além do discurso religioso, do científico e do filosófico, assume uma posição paratópica para se legitimar.

Segundo Maingueneau (2006a), um discurso constituinte é um discurso que desfruta de um *status* singular no que diz respeito à diversidade das práticas discursivas de uma sociedade. Mais exatamente, para o autor, trata-se de um discurso que não reconhece outra autoridade que não a sua própria, que não admite qualquer outro discurso acima dele. Desse modo, esse discurso se define pela posição que ocupa no interdiscurso, no interior do qual não reconhece discursividade para além da sua, o que o leva a se autorizar por sua própria autoridade. Discursos desse tipo, como o discurso científico, o discurso religioso, o discurso filosófico, são aqueles ligados a algum absoluto, que funciona como

³ Disponível em: <http://www.ibge.com.br/home/>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

uma fonte legitimante acima da qual não se reconhece nenhuma outra existência. Por exemplo, no caso do discurso científico, temos a Razão, a Verdade; no caso do discurso religioso, Deus.

Maingueneau (2006a) também observa que esse absoluto é, supostamente, exterior ao discurso constituinte que legitima, justamente para que possa fazê-lo, conferindo-lhe autoridade, mas, na verdade, esse absoluto é construído justamente por esse mesmo discurso, o que evidencia o paradoxo constitutivo do funcionamento de tais discursos.

Tendo em vista essas propriedades, os discursos constituintes constituem os que não desfrutam do mesmo *status*. São, portanto, discursos que dão sentido aos atos da coletividade. Assim, os discursos constituintes são, ao mesmo tempo, *auto-* e *heteroconstituintes*, ou seja, como se constituem “legitimando rigorosamente sua própria constituição” (MAINGUENEAU, 2010, p. 158), têm condições de exercerem um papel constituinte em relação a outros discursos.

Maingueneau também observa que os discursos constituintes se valem da impossibilidade mesma de atribuir para si um verdadeiro lugar. A respeito dessa localidade paradoxal, a que chama de paratopia, o autor afirma:

Não se trata do caso de um indivíduo, mas de uma condição de possibilidade para o campo filosófico, literário etc., que não é a ausência de qualquer lugar, **mas uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar**. Não que a filosofia ou a literatura tenham um funcionamento incomensurável em relação a outros domínios de atividade (pode-se falar aí também de estratégias de promoção, de carreiras, etc.), mas, se não quisermos ficar aquém desse *excesso* que os funda, não podemos considerá-los como uma atividade qualquer. Sem “localização” não há instituições que permitam legitimar e gerir a produção e o consumo de obras; mas, sem “des-localização”, não há verdadeira obra, porque é uma força que excede toda a sociedade que confere sua legitimidade aos que falam do interior dos discursos constituintes. (MAINGUENEAU, 2006a, p. 41-2; grifos nossos)

Mais exatamente, esse pertencimento paradoxal que é a paratopia não é origem nem causa de nada, nem suporte, nem mesmo um estatuto; “dada e elaborada, estruturante e estruturada, a paratopia é ao mesmo tempo aquilo que dá a possibilidade de aceder a um lugar e também o que proíbe qualquer pertencimento” (MAINGUENEAU, 2006a, p. 42-3); nessas condições a paratopia só existe quando ligada à atividade de enunciação específica que ela trata de legitimar.

Feitos esses esclarecimentos, no próximo item, tratamos do surgimento do discurso espírita kardecista, no século XIX, na França, considerando algumas das suas condições de emergência, e

procurando evidenciar como o discurso espírita kardecista se legitima ao se conferir um *status* muito singular. A respeito do tipo de reflexão a que nos propomos desenvolver, Maingueneau (2006b) afirma:

A categoria “discurso constituinte” não é um campo de estudo seguro de suas fronteiras, mas um programa de pesquisas que permite identificar certo número de invariantes, bem como postular quantas questões inéditas. Quando se trabalha dessa maneira com discursos à primeira vista tão distintos entre si, como o são o discurso religioso, o científico, o filosófico, o literário, etc., e se tem a impressão de que inúmeras categorias de análise são facilmente transferíveis de um para o outro, chega-se naturalmente à hipótese de que há um domínio específico do seio da produção verbal de uma sociedade, tipos de discurso que têm em comum algumas propriedades relativas às suas condições de emergência, de funcionamento e de circulação. Agrupar discursos como o literário, o religioso, o científico, o filosófico implica uma dada função (fundar e não ser fundado por outro discurso), certo recorte das situações de comunicação [...] e certo número de invariantes enunciativas. **Trata-se, por conseguinte, de uma categoria discursiva propriamente dita.** (MAINGUENEAU, 2006b, p.60-1; grifos nossos)

1. ORIGENS DO DISCURSO ESPÍRITA: “ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO”⁴

O discurso espírita kardecista está baseado nos trabalhos do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivaile (1804-1860), que, sob o pseudônimo de Allan Kardec, organizou os princípios desse discurso. Trabalhos de diversos historiadores, como o Silva (2007), demonstram como Kardec, que ficou conhecido como codificador⁵ do discurso espírita, desenvolveu suas reflexões sobre fenômenos sobrenaturais, procurando imprimir-lhe tratamento científico, por causa da influência do movimento positivista e progressista do final do século XIX.

De acordo com Hobsbawn (1996), “homens cultos daquele período não estavam apenas orgulhosos de suas ciências, mas preparados para subordinar todas as outras formas de atividade intelectual a elas” (HOBSBAW, 1996, *apud* SILVA 2007, p.44). Foi nesse contexto histórico-social que surgiu o discurso espírita no mundo. Em 1857, Kardec publicou o *Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2007), uma de suas principais obras, na qual apresenta o espiritismo como uma espécie de ciência do mundo espiritual.

A respeito desse caráter heterogêneo do espiritismo, Kardec afirma:

⁴ Cf. KARDEC, 2013b, p. 41.

⁵ Conforme nos esclarece Arribas (2008), Kardec ficou conhecido como o codificar do espiritismo, porque foi o responsável pelo “trabalho de organização e de sistematização dos conteúdos da teoria espírita. Isto é, Allan Kardec ‘codificou’, segundo os espíritas, as mensagens ditadas pelos ‘espíritos’, em cinco livros, denominados ‘livros da codificação’.” **Codificar** (do latim, *codice + fic*, variante de *facere*) significa: 1) reunir normas em forma de código; 2) compilar; 3) coligir; 4) transformar em sequência de sinais adequados a determinados códigos. É nesse sentido que os espíritas titulam Allan Kardec ‘o codificador do espiritismo’ ” (ARRIBAS, 2008, p.20; grifo da autora).

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que Ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil. (KARDEC, 2013b, p. 44)

E também:

Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da **revelação divina e da revelação científica**. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque **os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam**, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; **por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio**; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina *não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra *o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem*. (KARDEC, 2013a, p.22; grifos nossos)

Seguindo essa linha de pensamento “científico”, Kardec, em suas obras, define o discurso espírita como um conjunto de princípios e leis, revelados pelos espíritos superiores, que tratam da natureza, da origem e do destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo material. Nesses termos, o discurso espírita kardecista pode ser considerado como uma forma de tratar dos fenômenos ditos sobrenaturais a partir da perspectiva racionalista impulsionada por filósofos iluministas e pelos grandes pensadores do século XIX⁶.

Relativamente a essa aproximação entre ciência e fenômenos sobrenaturais, Arribas (2003), observa como Kardec, que não tinha nenhuma pretensão de contrariar as descobertas no campo da ciência, também não ficou isento das influências espiritualistas que havia no momento; articulando,

⁶ Cf. SILVA (2007).

então, as duas tendências, tratou dos fenômenos ditos sobrenaturais, mas de uma forma “racionalista”, seguindo a premissa de que “o sobrenatural não existe”:

O pensamento é um atributo do Espírito. A possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos e, portanto, de transmitir-nos o seu pensamento, é uma consequência, podemos dizer, da sua própria constituição fisiológica. **Não há, pois, nesse fato, nada de sobrenatural, nada de maravilhoso.** [...]

Não obstante, dirão, admitis que um Espírito pode elevar uma mesa e sustentá-la no espaço sem um ponto de apoio. Isso não é uma derrogação da lei da gravidade? – Sim, da lei conhecida; mas a Natureza já vos disse a última palavra? Antes das experiências com a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina carregando muitos homens poderia vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? [...]

Aos olhos daqueles que veem na matéria a única potência da Natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis materiais é maravilhoso ou sobrenatural e, para eles, maravilhoso é sinônimo de superstição. Dessa maneira a religião, que se funda na existência de um princípio imaterial, é um tecido de superstições. [...]

Quanto a nós, **pelo fato de admitirmos os efeitos decorrentes da existência da alma, teríamos de aceitar todos os fatos qualificados de maravilhosos, teríamos de ser os campeões dos visionários, os adeptos de todas as utopias, de todos os sistemas excêntricos? Seria necessário conhecer bem pouco do Espiritismo para assim pensar.** (KARDEC, 1973, p. 28-31; grifos nossos)

Apesar de tratar da temática sobrenatural, o discurso espírita kardecista não pretendia ser tomado como um suposto retorno às origens misticistas, já que representava, segundo Silva (2007), uma “radicalização do Iluminismo”:

Essa é uma diferença fundamental entre o Espiritismo e outras filosofias espiritualistas, como a Teosofia. O destaque que Stoll dá para as ideias orientais e para a popularidade do ocultismo no século XIX como sendo uma espécie de contra discurso à modernidade e do qual o Espiritismo participaria deve ser relativizado nesse caso, pois **Allan Kardec pretendeu assumir justamente o discurso da modernidade.** (SILVA, 2007, p. 45-6; grifos nossos)

Em meados do século XIX, a ideia de progresso tinha muito prestígio. Assim, o discurso iluminista, principalmente o evolucionismo de Darwin e o positivismo de Comte, de acordo com Silva (2007), influenciou o discurso espírita. Um indício dessa influência é o tipo de tratamento dado pelo discurso espírita kardecista aos espíritos, a saber: os espíritos são classificados por meio de uma escala que toma a sua “evolução” como critério. Silva (2007) também observa que, em *O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2007), Allan Kardec coloca os espíritos, “os seres inteligentes da criação”, em um esquema progressista. Além disso, conforme observa esse mesmo autor, para o discurso espírita, não apenas os

espíritos evoluem e progridem, mas a sociedade também. A esse respeito, Silva (2007) cita a seguinte passagem que trata da questão do progresso no discurso em análise:

O estado natural é a infância da humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral [...].

O progresso, sendo uma condição da natureza humana, não está ao alcance de ninguém a ele se opor. (KARDEC, 2008 *apud* SILVA, 2007, p. 51)

Ainda de acordo com Silva (2007), em relação à evolução humana, o discurso espírita parece estar bem próximo das ideias de Darwin ao afirmar que “Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, na transformação da espécie imediatamente inferior” (SILVA, 2007, p. 52). Trata-se, nos termos Stoll (1999)⁷, de uma reprodução da visão científica que dominava na época. Stoll afirma que, entre 1850 e 1870, a poligenia era a tese predominante nos círculos científicos da Europa e da América. No entanto, a publicação do livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, consolida uma tese distinta: a monogenia, que postula não apenas a unidade da espécie, mas também a origem comum de todas as raças humanas.

No discurso espírita, notam-se mudanças relativas a essa temática. Stoll (1999) lembra que, em *O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2007), a ideia de que a humanidade é criação divina é reafirmada, ao passo que a ideia de uma origem em comum das raças, refutada. Já em *A Gênese* (KARDEC, 2013a), obra publicada depois da divulgação das reflexões de Darwin sobre a evolução das espécies, Kardec dedica maior espaço à apresentação de informações científicas mais recentes sobre as origens do universo e da humanidade. Assim, de acordo com a autora, certos pressupostos do discurso espírita são atualizados com a incorporação de ideias que traduziam o pensamento das novas correntes que vinham conquistando a hegemonia no campo científico.

Podemos dizer, então, que o discurso espírita kardecista mantém uma relação bastante complexa com o discurso científico, pois não só é atravessado (e, desse modo, também “atualizado”) por esse discurso como também se apresenta como um discurso que lhe seria superior, que lhe ultrapassa as supostas limitações, inclusive porque engloba uma gama maior de fenômenos; a esse respeito, vale lembrar que se apresenta como um discurso que, ancorado nos ensinamentos de Deus, enviados pelos espíritos superiores, pode explicar inclusive o que a ciência até então não tinha condições de explicar (“o Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil”; “os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus

⁷ STOLL, 1999 *apud* SILVA, 2007, p. 52.

de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam”; “o Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo”). Silva (2007) também reconhece esse aspecto ao afirmar:

[...] o Espiritismo não só acompanhava a crença no progresso **pela** ciência, como também acompanhava o progresso **da** ciência, **ultrapassando os limites da própria ciência**, ao levar os esquemas evolucionistas à questão da alma. (SILVA, 2007, p. 52; grifos nossos)

Para compreender melhor o discurso espírita, destacamos que, segundo Silva (2002), o movimento espírita kardecista francês não deixou de ser também um movimento cristão no qual os adeptos se guiavam pelos conhecimentos fornecidos pelos espíritos, que, segundo esse discurso, lhe apresentavam uma nova revelação das verdades cristãs. Desse modo, para a autora, tratava-se de uma nova interpretação do discurso cristão, na qual os ensinamentos de Cristo seriam completados pela aliança com o discurso científico, que deixaria de ser exclusivamente materialista. A esse respeito, vale notarmos que, na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (KARDEC, 2013b), Kardec apresenta o discurso espírita como uma espécie de tradução dos ensinamentos de Cristo, afirmando que o Espiritismo

chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas. O Cristo disse: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras e alegorias; levanta o véu propositalmente lançado sobre certos mistérios [...]. (KARDEC, 2013b, p. 106)

De fato, na introdução dessa mesma obra, o Espiritismo também é apresentado nesses termos; vejamos:

Muitos pontos dos Evangelhos, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral por si sós são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, **por falta da chave que faculta se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo**, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. (KARDEC, 2013b, p. 18; grifos nossos)

Diante do que foi exposto até o momento, podemos dizer que o discurso espírita kardecista surgiu não só atravessado pelo discurso espiritualista (relativo ao mundo dos espíritos), mas também pelo discurso cristão e pelos discursos relacionados à ciência e ao progresso que estavam em ascensão no século XIX. Essa tentativa de aproximar ciência e fé cristã acabou gerando divergências entre os

adeptos do discurso espírita kardecista, que o consideravam ora como ciência, ora como religião. Seja qual for a tendência, o fato é que o próprio discurso espírita kardecista promove essa aproximação entre esses dois campos⁸ discursivos, apresentando-se como uma via de superação de suas diferenças. Nas palavras do discurso espírita kardecista:

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus*, não podem contradizer-se. Se fosse a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

São chegados os tempos em que **os ensinamentos do Cristo** têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; **em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso.** [...]

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava-lhes algo que preenchesse o vazio que as separava, um traço de união que as ligasse. **Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres.** (KARDEC, 2013b, p. 45; grifos nossos)

Ao se apresentar como uma via de superação entre ciência e religião (“algo que preenchesse o vazio que as separava, um traço de união que as ligasse”) o discurso espírita kardecista funda-se num gesto altamente paratópico, na medida em que se coloca numa situação de superioridade a esses dois discursos constituintes, o discurso religioso e o discurso científico, superando o que entende como sendo os limites desses discursos, isto é, o ponto de vista exclusivamente materialista, por parte da ciência, e a falta de compreensão adequada da Natureza por parte da religião, o que se deve à falta de racionalismo e lógica no tratamento dado aos fenômenos de que se ocupa, com a ressalva de que a

⁸ Segundo Maingueneau (2007), no conjunto dos discursos que interagem em uma dada conjuntura, um campo discursivo diz respeito a um conjunto de formações discursivas que, embora tenham a mesma função social, divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. Trata-se, portanto, de um conjunto de discursos que se delimitam reciprocamente e que estão em relação de concorrência, no sentido amplo, mantendo diversos tipos de relação (confronto aberto, aliança, aparente neutralidade, etc.). O recorte de tais campos (campo político, campo filosófico, campo religioso, etc.) não é mais do que uma abstração feita pelos analistas, pois não se trata de zonas bem definidas e evidentes.

Natureza, segundo esse discurso, envolve não só fenômenos do mundo físico como também os do mundo espiritual. A esse respeito, vale lembrarmos que é próprio da condição paratópica de um discurso constituinte apresentar algum excesso que vai legitimar a sua emergência, diferenciando-o dos demais discursos.

No próximo item, continuamos a analisar a paratopia do discurso em questão, a partir de sua ancoragem em mais um campo discursivo, isto é, a filosofia.

2. O DISCURSO ESPÍRITA KARDECISTA COMO FILOSOFIA

Até o momento, verificamos que o discurso espírita kardecista institui a si uma situação paratópica, ao se apresentar como uma via de síntese entre ciência e religião, de modo a superar os limites de ambas. Entretanto, a sua condição paratópica não se restringe a esse aspecto, porque, como observa Araújo (2010), o discurso espírita kardecista também se apresenta como uma filosofia:

O espiritismo **é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica**. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; **como filosofia**, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas relações. (KARDEC, 2007, apud Araújo, 2010, p. 123; grifos nossos)

Segundo esse autor, Allan Kardec compreendia o espiritismo, “ao longo de todo o período em que se dedicou ao estudo, sistematização, divulgação e apologia da doutrina espírita, com uma filosofia de bases científicas, ou uma ciência filosófica” (ARAÚJO, 2010, p. 213), o que lhe reforça o caráter paratópico. Mais exatamente, para esse autor, a constituição do discurso espírita é bastante complexa, porque se trata de um discurso que se vale da religião, da ciência e da filosofia, mas não se identifica plenamente com nenhum desses discursos. Afinal, como vimos, o discurso espírita kardecista sempre apresenta, com relação a cada um desses discursos constituintes, algum excedente relativo aos outros dois discursos que impede essa identificação. Nas palavras do autor:

Não se trata, contudo, de pensar o espiritismo como uma síntese histórica e conceitual do conhecimento a partir de elementos como ciência, filosofia e religião. **Mas de pensar como, a partir da constante reapropriação levada a efeito por Allan Kardec de elementos do discurso específico a cada um desses campos, uma identidade é construída e reconstruída, a cada vez, num espaço de negociação instável e em constante mutação**. Em outras palavras, **embora o espiritismo lance mão de elementos dos discursos específicos da ciência, da filosofia e da religião**, e busque com isso estabelecer a identidade da nova doutrina e do movimento que se articula em seu entorno, **recusa**, por outro lado, **toda identificação simplista que submeta o espiritismo ao controle dessas instâncias**. É, pois, como se o espiritismo,

com essa recusa, **ocupasse um lugar privilegiado frente a tais instâncias – um lugar neutro em meio a eventuais disputas que cada uma delas pode travar com as demais na busca de legitimação.** O que parece significar que Kardec pensa o lugar do espiritismo como um *entre-lugar*, um lugar sob o signo da mediação, e somente assim. (ARAÚJO, 2010, p. 128; grifos nossos)

Considerando os esclarecimentos de Maingueneau sobre a constituição dos discursos constituintes, entendemos que esse lugar privilegiado de que trata Araújo (2010) é a própria condição paratópica do discurso espírita kardecista, que, ao se instituir nesse *entre-lugar*, simula estar acima das disputas que se travam no interior de cada um dos campos em questão. A esse respeito, lembramos que os campos se caracterizam justamente pela sua heterogeneidade, ou seja, no interior de cada campo, há discursos dominantes e dominados, há discursos centrais e outros periféricos. Nesses termos, podemos dizer que por meio dessa condição paratópica, o discurso espírita kardecista simula pertencer e, ao mesmo tempo, não se subordinar à lógica de cada um desses campos, lembrando que é próprio de toda condição paratópica possibilitar a ascensão a um certo lugar e, ao mesmo tempo, proibir um pertencimento já estabelecido. Podemos dizer, então, que a paratopia funda um novo lugar sobre espaços anteriormente ocupados, o que faz recusando ancoragens tradicionais, já estabelecidas pelas práticas discursivas das quais se vale.

É interessante observarmos que, nessa condição paratópica, o discurso espírita kardecista atribui-se força, poder e até uma condição de insuperabilidade, o que também lhe reforça a condição paratópica. Vejamos alguns excertos do discurso espírita kardecista que ilustram nossa observação:

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo **jamais será ultrapassado**, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará. (KARDEC, 2013a, p. 42; grifos nossos)

Então, **não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder**, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos. (KARDEC, 2013b, p. 45; grifos nossos)

O Espiritismo **é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião**; [...] e, ainda, porque, no quadro que apresenta do futuro, **nada há que a razão mais exigente possa recusar**⁹.

Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. Na antiguidade, era objeto de estudos misteriosos, que cuidadosamente se ocultavam do vulgo. Hoje, para ninguém tem segredos. Fala

⁹ <http://www.olivrodosespirtoscomentado.com/fev20qconclu.html/>. Acesso em 04 de maio de 2017; grifos nossos.

uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias susceptíveis de falsas interpretações. [...] **Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada. Os obstáculos que tentassem oferecer à liberdade das manifestações poderiam pôr-lhe fim? Não**, porque produziriam o efeito de todas as perseguições: o de excitar a curiosidade e o desejo de conhecer o que foi proibido. De outro lado, se as manifestações espíritas fossem privilégio de um único homem, sem dúvida que, segregado esse homem, as manifestações cessariam. [...] **Chegassem mesmo, o que não seria mais fácil, a queimar todos os livros espíritas e no dia seguinte estariam reproduzidos, porque inatacável é a fonte donde dimanam e porque ninguém pode encarcerar ou queimar os Espíritos, seus verdadeiros autores. O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode inculcar-se como seu criador, pois tão antigo é ele quanto a criação. Encontramo-lo por toda parte, em todas as religiões [...]**¹⁰

A força do Espiritismo **consiste precisamente no apelo que ele faz à razão, nos critérios lógicos com os quais ele alicerça uma visão geral do mundo, oferecendo a chave racional**, a partir da dedução do princípio espiritual presente em a Natureza, para a compreensão dos problemas existenciais. Após o atrativo dos fenômenos mediúnicos, **quando a atenção se volta para o raciocínio e a reflexão, então a força viva do Espiritismo começa a resplandecer diante dos olhares perscrutadores, porque verificam que sua essência é antes filosófica, e sua importância está nas explicações que pode oferecer dos problemas existenciais, do ser, do destino e da dor**. Com efeito, se não passasse de mero passatempo com fenômenos divertidos e estranhos, a curiosidade haveria de acabar e o esquecimento seria seu fim. Contudo, o Espiritismo **se propaga precisamente porque superou o período, por assim dizer, fenomênico, e adentrou no período filosófico onde se discute e investiga, com base em seus princípios, as mais graves questões da existência humana. Desse modo, sua força, sua pujança, está naturalmente na filosofia que apresenta aos homens. Portanto, seu campo de batalha é nas ideias, sua revolução é conceptual e, conseqüentemente, cultural. Vem renovar, com base na razão e na Natureza, a noção do futuro espiritual**, tão caro a toda consciência, mesmo que se manifeste incrédula e indiferente, porque sua realidade é independente das opiniões e desejos particulares [...].¹¹

Nesta matéria, pretendemos chamar a atenção do leitor espírita para uma característica que só o Espiritismo possui: **o caráter duplo de uma revelação. O Espiritismo é o único conhecimento humano que possui os caracteres divino e o científico de uma revelação. E é isso que garante que nenhuma doutrina, teoria ou prática espiritualista tem o mesmo grau de confiança que o Espiritismo tem!**[...] A origem do Espiritismo é divina, isto é, ele foi revelado pelos Espíritos que não agem sem aprovação do Criador, o que o torna uma revelação divina. Mas, como meio de elaboração, usando as próprias palavras de Kardec [...] “o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental”. Assim, como enfatizamos em [...], esse duplo caráter faz do Espiritismo uma doutrina inédita e única na humanidade! Em pleno século 21, nenhuma teoria da Ciência e nenhuma doutrina religiosa possuem, ao mesmo tempo, o duplo caráter de uma revelação, acima destacado! **“É a combinação de ambos que fornece**

¹⁰ <http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev20qconclu.html>. Acesso em 04/05/2017; grifos nossos.

¹¹ <https://oespiritoeotempo.wordpress.com/2013/03/03/da-forca-do-espiritismo/>. Acesso em 8 de abril de 2017; grifos nossos.

autenticidade e solidez únicas à Doutrina Espírita, levando-nos ao reforço de nossa fé na certeza de que ao mesmo tempo em que ela surgiu dos ensinamentos dos Espíritos, ela foi fruto de um esforço elaborado de observação e análise como se faz nas ciências. Em outras palavras, o melhor em matéria de revelação religiosa se uniu ao melhor em matéria de revelação científica para que o Espiritismo pudesse chegar à humanidade!” [...] É isso que garante não somente a veracidade do conteúdo do Espiritismo, mas também a consideração do Espiritismo como a terceira das grandes revelações. [...]. **Em outras palavras, nenhuma obra de natureza mediúnica ou de encarnado pode ser considerada uma revelação acima do Espiritismo, mesmo que se considere científica.**¹²

Embora o faça em outros termos, Araújo (2010) também reconhece o *status* especial que essa condição paratópica confere ao discurso espírita kardecista, ao afirmar:

[...] o conceito de espiritismo em Kardec se apresenta como um conceito híbrido porque retira de suas relações com as representações correntes em seu tempo de ciência, filosofia e religião e do uso e apropriação de suas linguagens específicas **uma fonte de autoridade** e de suposta articulação desses saberes **a partir de uma posição mais abrangente e superior** (ARAÚJO, 2010, p. 120; grifos nossos).

Ainda a respeito dessa condição de superioridade, vale observar que o discurso espírita kardecista também se define como o porta voz da verdade; vejamos os seguintes excertos:

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta, ao receber a ordem de comando, espalham-se sobre toda a face da Terra. Semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho e abri os olhos aos cegos. Eu vos digo, **em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.** [...]

Nota: A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; por isso, foi aqui colocada como prefácio. (KARDEC, 2013b, p. 15)

Se, segundo Emmanuel (ob. cit), "o pensamento moderno é o descendente legítimo daquela grande raça de pensadores que se organizou nas margens do Ganges desde a aurora dos tempos terrestres", **o espiritismo**, como a mais fina flor da filosofia espiritualista ocidental, vem, pelo menos por filiação mental, do tronco hinduísta e tem profundas e antiquíssimas **raízes adentrando as primevas terras do conhecimento universal**. Portanto, o espiritismo não despreza o que é antigo por ser antigo, mas **reconhece-se como mera reflorescência da vetusta árvore do País da Verdade - um solo relativístico atemporal.**¹³

¹² http://www.oconsolador.com.br/ano5/209/alexandre_fonseca.html/ Acesso em 5 de maio de 2017; grifos nossos.

¹³ <http://acasadoespiritismo.com.br/esponline/olivrodosfluidos/1%202%20o%20esp%20e%20a%20futura%20era%20dos%20fluidos.htm/Acesso em 11 de maio de 2017.>

Conforme podemos perceber por meio desses excertos, segundo o discurso espírita, o Espiritismo é entendido como o momento de revelação da verdade, ou melhor, como o tempo da revelação do “verdadeiro sentido das coisas”, como “uma reflorescência da vetusta árvore do país da verdade”. Nesses termos, reforça-se a sua “insuperabilidade”, já que a verdade é dos absolutos a partir dos quais os discursos constituintes simulam constituir-se.

Com o advento do Espiritismo na França, posteriormente, o discurso espírita kardecista começou a circular também no Brasil, ainda no final do século XIX. A partir da segunda metade do século passado, a expansão do discurso espírita kardecista tornou-se mais significativa no país, especialmente por causa da influência do médium Francisco Cândido Xavier (publicamente conhecido como Chico Xavier), um dos responsáveis pela consolidação da *feição católica* (cf. STOLL, 2002) de que se revestiu o Espiritismo no Brasil.

Mas vale observar que essa feição católica que pode ter acentuado o caráter religioso do discurso não lhe altera a paratopia fundadora. Como se trata de um condição estruturante do discurso, condição que lhe dá legitimidade e que o caracteriza como discurso constituinte, essa condição paratópica não deixa de estar presente no modo como o discurso espírita kardecista circula no Brasil, conforme podemos perceber no excerto abaixo, retirado do site da Federação Espírita Brasileira:

A Doutrina Espírita é de natureza tríplice, pois abrange princípios filosóficos (é uma “filosofia espiritualista”), científicos e religiosos ou morais. Daí Allan Kardec afirmar: O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações. Tendo como referência essa orientação, o Espírito Emmanuel elucida: Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado [...] como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu.” E acrescenta: No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual. Em linhas gerais, o aspecto filosófico analisa a Criação Divina, explicando porque Deus criou o homem, qual é a sua origem e sua destinação, refletindo sobre as causas da felicidade e infelicidade humanas. O aspecto científico fornece comprovações a respeito da natureza e imortalidade do Espírito; a influência exercida pelos Espíritos e o intercâmbio mediúnico estabelecido entre encarnados e

desencarnados. O aspecto religioso trata das consequências morais do comportamento humano, definido pelo uso do livre arbítrio e governado pela lei de causa e efeito [...].¹⁴

Na qualidade de um discurso constituinte, com a paratopia de que lança mão para se legitimar, o discurso espírita kardecista vai se constituindo por meio de falas de estatuto paratópico, isto é, “as revelações dos espíritos superiores¹⁵”, apresentadas por agentes cujo pertencimento ao corpo social também é problemático: trata-se dos médiuns, as pessoas que fazem a ligação entre o mundo humano e o mundo dos espíritos.

Segundo o discurso espírita kardecista, a princípio toda pessoa que sente a influência dos espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Além disso, essa faculdade é inerente ao homem, portanto não é um privilégio nem são raras as pessoas que a possuem, pelo menos em estado rudimentar. Nesses termos, não se configura exatamente como uma condição paratópica. Entretanto, ainda segundo o discurso em questão, a qualificação de médium se aplica de forma privilegiada aos que apresentam a faculdade mediúnica bem caracterizada, ou seja, a mediunidade não se revela em todos da mesma maneira. No caso dos que são efetivamente tidos como médiuns, tal faculdade se traduz em competências específicas, que se manifestam com maior ou menor intensidade. Os médiuns têm, segundo o discurso em questão, uma aptidão especial para fenômenos distintos, o que os divide em categorias específicas, cujas designações podem variar um pouco, conforme a época, o país, a instituição espírita. As principais são: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos (ou impressionáveis), auditivos (ou audientes), falantes (ou médiuns de incorporação, ou médiuns psicofônicos), videntes, sonâmbulos (ou médiuns anímicos), curadores, pneumatógrafos (ou de voz direta), escreventes ou psicógrafos.

Qualquer que seja a especificidade dessa competência, todo médium pertence à sociedade de modo paradoxal: como integrante da sociedade que é, certamente pertence a uma ou a várias instituições sociais: é um pai de família, um professor aposentado, um médico, um socorrista, um guarda policial. Ao mesmo tempo, não pertence à sociedade, pois é, segundo esse discurso, dotado dessa condição especial que lhe permite realizar alguma prática “espírita”, isto é, uma prática não legitimada por nenhuma outra das instituições das quais pertence a não ser pelo próprio discurso espírita kardecista: ver espírito (médium vidente), curar pessoas pelo toque (médium curador), ceder a

¹⁴ <http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/triplice-aspecto-do-espiritismo-2/>. Acesso em 3 de maio de 2017.

¹⁵ “O Espiritismo é o conjunto de princípios e leis a que está submetida a Criação, revelados pelos Espíritos Superiores e registrados por Allan Kardec nas obras que constituem a Codificação Espírita: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese”. In: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Roteiro-4-A-Revelacao-Espirita.pdf>. Acesso em 8 de maio de 2017.

voz a um espírito (médium falante), ouvir um espírito (médium audiente). Nesses termos, podemos dizer que, qualquer que seja a classificação proposta para os subtipos de mediunidade, cada uma das designações se refere a uma competência especial que participa da constituição da paratopia do médium, o que, do nosso ponto de vista, reforça a paratopia do discurso espírita kardecista, à medida que sustenta a promoção de práticas específicas relativas a essas competências, todas definidas, promovidas e sustentadas por esse mesmo discurso (por exemplo: ministrar passes, curar doenças, fluidificar águas, psicografar mensagens etc.).

Esse caso da paratopia do médium parece ilustrar o que Maingueneau (2006) denomina de paratopia de identidade, um dos tipos de paratopia que participam da embreagem paratópica de um discurso constituinte. Nesse caso específico, como vimos, o médium é uma identidade paratópica: por ser dotado de uma aptidão especial, consegue fazer a ligação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Desse modo, a figura do médium parece reproduzir, à sua maneira, a própria paratopia do Cristo: homem, portanto deste mundo, e, ao mesmo tempo, filho de Deus, em nome do qual fala, portanto de outro mundo, o mundo dos Céus¹⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tratamos de algumas particularidades da constituição do discurso espírita kardecista. Conforme vimos, esse discurso se constitui a partir de outros discursos constituintes - o religioso, o científico e o filosófico -, simulando superar seus limites, o que o legitima de um modo especial e lhe reveste de autoridade, fatos que já haviam sido observados, de um modo ou de outro, por outros trabalhos que também analisaram esse discurso (cf. SILVA, 2002; SILVA, 2007; ARAÚJO, 2010). Do nosso ponto de vista, contribuímos com os estudos sobre o tema ao abordá-lo sob a óptica dos discursos constituintes, o que nos permitiu compreender melhor aspectos de seu funcionamento, ao explorarmos a sua condição paratópica, isto é, sua tentativa de localizar-se no universo discursivo de um modo que simula negar os pertencimentos tradicionais. A esse respeito, vale lembrar que, sem localização, não haveria as diversas instituições espíritas (as diversas federações espíritas brasileiras, os centros espíritas, hospitais espíritas) responsáveis pela produção, circulação e consumo do discurso espírita kardecista, ao mesmo tempo em que, sem deslocalização, não haveria a verdadeira “constituência” desse discurso¹⁷.

¹⁶ Cf. MAINGUENEAU, 2015, p.142.

¹⁷ Cf. MAINGUENEAU, 2006b, p. 68.

OBRAS CONSULTADAS

- KARDEC, A. *O livro dos médiuns*. Trad. Herculano Pieres. 2 ed. São Paulo: LAKE, 1973.
- KARDEC, A. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53 ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013a.
- KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. C. D. Identidade e fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.8, n. 16, p.117-135, jan/mar, 2010.
- ARRIBAS, C. G. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. 2008. 226f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.). Trad. Maria Cecília Souza-e-Silva et al. Curitiba: Criar Edições, 2006a.
- MAINGUENEAU, D. *O discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006b.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. 1ª. reimpressão. Curitiba: Criar Edições, 2007.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; POSSENTI, S. (orgs.). Trad. Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SILVA, E. M. O Cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX. *Revista Ideias*, Campinas, v. 4, p. 25-37, 2002.
- SILVA, F. L. *Céu, inferno e purgatório: representações espíritas do além*. 2007. 172f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.
- SILVA, T. V. *A caridade é, em tudo, a regra de proceder: análise do discurso espírita kardecista*. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014.
- STOLL, S. J. *Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil*. 1999. 255f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- STOLL, S. J. Religião, ciência ou autoajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002.